

POEMAS PARA CRUZ E SOUSA

O CARVÃO E O DIAMANTE
Pensando em Cruz e Sousa

Teceis, Senhor, de insólitos contrastes
a matéria que jaz e a essência que erra.
Foi das classes humílimas da Terra
que o vosso filho e intérprete tirastes.

Fizestes, lado a lado, o abismo e a serra...
E aos astros, nos seus rútilos engastes,
destes a luz eterna, e os distanciastes
lá longe, como a alguém que se desterra!

No carvão, escondestes o diamante.
E ocultastes as pérolas, sob a água,
e os oásis, sob a areia transitória.

E foi à alma de um negro agonizante
que houvestes a mais pura flor da Mágoa
e a dor mais alta pelo Amor e a Glória!

Hermes Fontes [1922]

EVOCAÇÃO A CRUZ E SOUSA

Alma estrelada, coração de artista,
Tão forte que ainda o julgo vivo agora;
Vibrátil e vibrante sinfonista,
De palavras de música sonora;

Estro cujo eloqüente ardor decora
Tanto o que exalta como o que contrista;
Boca revel, como a de um João Batista,
Conclamando belezas a toda hora;

Intérprete das últimas ternuras
E ânsias do sangue e ardor das almas puras
Como o cheiro das seivas virginais;

Vimos dizer à terra em que repousa
Teu corpo, que teu gênio, Cruz e Sousa,
Vive florindo em nós cada vez mais!

Antônio Joaquim Pereira da Silva [1928]

CENTÃO SIMBOLISTA

cítaras, harpas, bandolins, violinos,
mórbidos, quentes, finos, penetrantes,
carinhos, beijos, lágrimas, desvelos,
desejos, vibrações, ânsias, alentos,

mares, estrelas, tardes, natureza,
inefáveis, edênicos, aércos,
sinistras, cabalísticas, noturnas,
esferas, gerações sonhando, passam!

sombra, segredo, lágrima, harmonia,
pálida, bela, escultural, clorótica,
atra, sinistra, gélida, tremenda,

alvo, sereno, límpido, direito,
amplo, inflamado, mágico, fecundo,
ondula, ondeia, curioso e belo.

Gilberto Mendonça Teles

& *cone de sombras*, livro que se incorporou
à edição de *Hora Aberta* (Poemas reunidos).

Rio, José Olympio, 1986, p. 152.

ONDULANTE CENÁRIO DE CRUZ E SOUSA

Muitos ainda não sabem de ti,
nem de longe sabem, ícaro
danado, emparedado cavador
das senhas infinitas.
E teu nome (oh flamantes sonhos)
esplende num palácio!

Aqui nasceste, nesta ilha-corção,
no mais simples e comum nascer.
A sina, porém, fazendo-te mais Sousa
te deixava menos João.

Qual bardo murmuraste o ser
e fechaste, no poema, a poesia.
Fechaste? Não, isto não. Antes
negaste a palavra à hipocrisia.

Perdoa-me se sou tão pouco
apaixonado. Sei da dor imensa
que curtiste: às negras mãos
dítaram-te as formas, os sucessos
e a dita alma branca.

Estranho alvo, dândi empertigado,
te ousaste então.
Finamente a rima trabalhaste,
buscaste nos plurais centelhas,
ressonâncias, fizeste o verso
cintilar. Da pobreza, chã, te lançaste
à proeza das alturas ígneas.

Oh, riu teu coração, tristíssimo
palhaço, acrobata da dor
na negra claridão,
na negridão mais clara.

Se a morte celebraste, tua noiva
da agonia, endiabriste o nada
de louco e fascinante tudo.

Palavra na palavra, coração
no coração, a vida te revive...

Nos botecos desta ilha
o povo um dia te dirá.
Perdoa-me, por ora, se faltamos
ao sentido do teu nome.

Alcides Buss
In Transação, 2ª edição, Florianópolis,
M. A. L. Edições, 1991.